Ano XVII — Lisboa, Abril de 1961 — N.º 192

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 2$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O ESCOTISMO

MOVIMENTO EDUCATIVO PARA A JUVENTUDE DE PORTUGAL

PORQUE o Escotismo não tem conseguido até agora em Portugal aquele desenvolvimento que seria natural esperar do seu extraordinário valor educativo, muitos concluem *a priori* que isso se deve ao facto de ter sido criado para a mocidade britânica e não corresponder, consequentemente, à idiossincracia da gente portuguesa.

À primeira vista, esta dedução parece correcta e, sem dúvida, teremos de a considerar na apreciação do problema. No entanto, se nos detivermos um pouco no estudo do assunto, depressa chegaremos a outras conclusões. É que o Escotismo, no seu aspecto universal, não assenta em bases rígidas e não só permite mas recomenda a conveniente adaptação ao carácter nacional de cada país. Esta norma explica a larga aceitação que o mundo lhe tem dispensado e o florescimento em países de tradições e temperamentos de mais profundas diferenças do que aquelas que nos separam dos povos anglo-saxónicos.

Isto não significa, porém, que o Escotismo seja um movimento sem sentido. Tem princípios e objectivos perfeitamente identificáveis, cuja observância é essencial para que qualquer associação seja internacionalmente reconhecida como escoteira. Mas tais princípios transcendem particularismos nacionais e dizem respeito ao Homem de qualquer latitude ou raça. Estão explícitos na Promessa e na Lei, são os altos ideais escoteiros, norteiam toda a acção educativa. São eles: O amor de Deus e da Pátria; a fraternidade entre todos os homens; o espírito de serviço traduzido pela Generosidade, Lealdade, Abnegação e Honra, pontos cardiais de toda a sua doutrina. O Escotismo terá de ser sempre inteiramente voluntário, independente e isento da política.

No caso português, porém, um facto propõe particularmente o Escotismo para a educação da nossa juventude. O Fundador foi homem de ampla visão do mundo. Não meramente uma visão geográfica, mas uma visão humana. Nas suas viagens e permanência em diferentes pontos do Globo não se limitou a observar, por simples curiosidade, gentes estranhas. Penetrou a alma de cada povo, interpretou seus sentimentos e anseios, procurou compreender e amar. Anos mais tarde, ao regressar a Inglaterra, trazia consigo um capital enorme de conhecimentos do Homem e estava habilitado a reconhecer deficiências dos povos civilizados e a estabelecer o paralelo com o que de profundamente humano encontrara, para além de costumes e tradições, nos povos tidos como selvagens, mas que na realidade se encontravam ainda num estágio menos ou pouco evoluído de progresso.

O Escotismo, concebido por homem de tão larga visão, teria de reflectir o carácter do seu fundador. É, portanto, um Movimento universal, humano nos seus ideais e objectivos, encaminhando os novos para um conhecimento mútuo, compreensão das suas diferenças e semelhanças, base segura para a paz e concórdia entre os povos. Esta circunstância é importantíssima para Portugal, nação que se desdobra pelas *quatro partidas do Mundo*, agregando povos de diferentes raças e crenças. O Escotismo será o movimento educativo excepcionalmente indicado para pre-

(Conclui na página 2)

DIA DO ESCOTEIRO

Do jornal «O Escoteiro», de que o Dr. Tovar de Lemos foi um dos mais assíduos colaboradores, transcrevemos uma local de sua autoria, em que o seu espírito de escoteiro se revela com toda a pureza:

23 de Abril — Dia de S. Jorge — Dia Universal do Escoteiro. No Cavaleiro S. Jorge, matando o dragão, encontram os Escoteiros de todo o mundo o símbolo da destruição do mal. Dia destinado à fraternidade escotista e à consagração da lei que considera irmãos todos os escoteiros, é o ensejo de relembrar as relações que entre eles devem existir como comungantes do mesmo ideal do Bem e da Felicidade. Não basta estimarem-se como amigos, é necessário quererem-se como membros de uma família, que confiem mùtuamente uns nos outros e contem com o seu auxílio para todas as circunstâncias da vida, quer nas horas de glória e de triunfo, quer nas de infortúnio e revés.

Aos Escoteiros de Portugal, aos Escoteiros de todo o Mundo, a todos, a nossa grande saudação.

Monumento às Mães

Portugal Evangélico, mensário do Porto dirigido pelo nosso estimado amigo Rev. Ireneu da Silva Cunha, com o número duplo respeitante a Janeiro-Fevereiro aparece profundamente remodelado, de muito bom aspecto gráfico e excelente colaboração, motivo por que lhe endereçamos cumprimentos de felicitações. Entre as secções criadas agora, conta-se a subordinada ao título «Rosa dos Ventos», na qual são inscritos ecos de acontecimentos ou do que se diz na imprensa, orientado pelo pensamento do inspirado fundador do Metodismo, João Wesley, que serve de subtítulo e diz "Pensamos e deixamos pensar". Nesta secção foi feito o seguinte registo:

Chegou-nos às mãos o número de Janeiro do excelente mensário escotista Sempre Pronto, *que se publica em Lisboa, e nele deparamos com uma coluna assinada por Ribeiro Nunes, a quem não temos o prazer de conhecer, na qual se tecem considerações acerca do AMOR DE MÃE, a propósito da passagem do dia 8 de Dezembro, nacionalmente dedicado à Mãe. Propõe o articulista que seja erigido um monumento que testifique e assinale a gratidão que nos merecem as anónimas heroínas que são as nossas mães.*

(Conclui na página 2)

O ESCOTISMO

(Conclusão da página 1)

sidir à educação de uma mocidade que carece de uma ampla visão do Homem e precisa de estar espiritualmente preparada para formar uma nação multirracial. Será esta a razão porque os Escoteiros que se estabelecem em África são qualificados para criar um ambiente social tolerante e compreensivo.

Podemos, pois, concluir que Baden-Powell não criou um Movimento fundamentado na maneira de ser britânica, que se aplicou depois à mocidade de outros países. O sentido foi inverso. Ele descobriu o que de interessante e útil havia na formação da juventude de povos de distantes e diferentes latitudes e pôde reconhecer deficiências de educação nas sociedades que gozavam de alto nível de progresso. Nas suas narrativas, citando Zulos e Maoris, Peles-Vermelhas e Índios, faz constantemente o paralelo entre a indolência e lassitude dos civilizados, usufruindo dos benefícios de uma vida cómoda e sedentária, com as qualidades viris desses povos. O Fundador concluiu assim pela urgente necessidade de uma acção educativa que corrigisse tais defeitos e fomentasse qualidades viris, coragem, força de vontade, espírito de iniciativa, nobreza de carácter. Recentemente, o Presidente Kennedy chegou às mesmas conclusões, quando recomendou a ginástica matinal aos americanos, afirmando: «Vivemos numa época perigosa e estamos demasiadamente habituados ao conforto. Devemos preocupar-nos com a saúde de nossos filhos. É necessário que os forjemos de acção e não espectadores da existência». O Escotismo nasceu do reconhecimento desta necessidade. E tem obtido resultado.

Desta rápida análise devemos concluir que se o Escotismo não tem tido em Portugal maior difusão é exactamente porque visa corrigir defeitos enraizados na nossa mocidade, naturalmente também sujeita ao amolecimento provocado pelo comodismo consequente das conquistas do progresso. Porque forma a personalidade, cultiva a vontade, a coragem, a tenacidade, o espírito de serviço; uma juventude preguiçosa, indolente, apática, terá dificuldade em o cultivar e aceitar. Para vencer essa barreira e penetrar em camadas mais extensas da população, o Escotismo carece de apoio sólido, de meios de acção eficientes, de dedicações generosas, de dirigentes aptos e compenetrados da sua missão de educadores.

* * *

De que o Escotismo poderá ser muito útil à juventude de Portugal não poderá restar a menor dúvida. Ele responde às nossas mais prementes necessidades educativas. Basta citar um aspecto actual da sua utilidade. Clama-se hoje, e com justiça, pela urgência de uma estreita união entre todos os Portugueses. Podemos garantir, sem receio de contradita, que se o Escotismo tivesse penetrado mais profundamente na sociedade portuguesa não seria preciso clamar por essa unidade. Ela existiria naturalmente. A unidade nacional nutre-se dos princípios que estão na base da educação escoteira: Amor da Pátria, convicções firmes e sinceras. Respeito constante pelas crenças e opiniões alheias. Compreensão e tolerância para com aqueles que pensam de maneira diferente. Um povo comungando destes ideais será estreitamente unido na defesa dos seus mais sagrados direitos. A energia, a vontade, a bravura serão as forças que o aglutinarão. O Escotismo conduz a esses resultados.

Monumento às Mães

(Conclusão da página 1)

Fomos nós os evangélicos quem introduziu no País a Festa das Mães, que celebramos anualmente no segundo domingo de Maio, nessas modelares instituições semeadoras da doutrina cristã e cívica que são as Escolas Dominicais, e alegramo-nos imenso com a sugestão apresentada no Sempre Pronto, *tanto mais que no nosso número de Maio passado advogámos a mesma ideia. Que as nossas vozes isoladas encontrem eco em quem possa materializar o nosso pensamento, e que surja o artista inspirado que saiba expressar no granito um pouco da infinita ternura que diàriamente expressam as mães de todos nós, são os nossos votos de sincero apoio ao artigo do prezado colega do Sul.*

Agradecemos o apoio de *Portugal Evangélico* à interessante sugestão do nosso colaborador Ribeiro Nunes e esperamos que as nossas vozes unidas a outras venham a constituir coro suficientemente forte para ser escutado por quem possa tomar a iniciativa de realizar a ideia.

OS LIVROS ESCOTEIROS
de edição
DO «SEMPRE PRONTO»
Estão à venda na
LIVRARIA ALEGRIA
Rua da Prata, 156 — LISBOA

Ecos do "Concurso"

O *Jornal do Algarve*, de Vila Real de Santo António, e a imprensa de Angra do Heroísmo referiram-se com desenvolvimento ao nosso Concurso, registando os resultados obtidos respectivamente pelas Patrulhas Poupa e Galo.

PATRULHA GALO

A Patrulha Galo teve a gentileza de autorizar o «Sempre Pronto» a oferecer o artístico quadro de nós com que participou no Concurso à Região Centro. Este quadro figura agora na Sede Regional.

A mesma Patrulha escreve-nos manifestando a sua satisfação pelo Concurso e dizendo:

Agradecemos reconhecidamente a V. e a todos os que trabalham nesse jornal as felicitações pela nossa conquista do último pequeno Escalpe de Ouro, assim como também a felicitação que particularmente nos dirige pela posição por nós alcançada no «Grande Concurso Escalpe de Ouro», que sem dúvida alguma veio contribuir para que esta Patrulha conseguisse que todos os seus Escoteiros possuam agora a 2.ª Classe. E também nos sentimos mais altaneiros ao sabermos que a nossa Patrulha é uma Patrulha que ficou conhecida em todo o Portugal.

UM NOVO CONCURSO

Temos recebido sugestões para promover um novo Concurso. Sem dúvida que agradecemos o interesse e, oportunamente, não teremos dúvida em atender as sugestões. Agora, porém, é cedo para isso. A organização de um Concurso desta natureza constitui uma sobrecarga de trabalho para todos os que trabalham nesta Redação e Administração. Teremos de deixar correr algum tempo e descansar, antes de pensarmos noutra iniciativa semelhamte.

Até lá, gostaríamos de receber sugestões acerca dos moldes a que deveria obedecer um novo concurso.

Oração do Escoteiro

MEU PAI:

Faz que eu tenha mãos limpas, palavras limpas e pensamentos limpos.

Ajuda-me a lutar pelo bem difícil contra o mal fácil.

Impede-me de tomar fábitos que malbaratem a vida.

Ensina-me a trabalhar duro e a jogar lealmente, quando só tu vês e como se todo o mundo pudesse ver.

Perdoa-me quando sou mau e ajuda-me a perdoar aqueles que não me tratam bem.

Torna-me capaz de ajudar os outros quando isso me custa.

Proporciona-me ocasiões de fazer um pouco de bem todos os dias e assim tornar-me mais semelhante a Jesus Cristo.

Amen

«Sois Prêt» — Éclaireurs U. de France.

Um novo Chefe — Novas Perspectivas?

Ouvindo o Escoteiro-Chefe Armando Garcia Inácio, actual Dirigente do Grupo n.º 94

A investidura de um novo Escoteiro-Chefe de Grupo é sempre um acontecimento interessante. Ainda mesmo que esse dirigente já trabalhe no Grupo, como no caso presente, o facto de assumir a responsabilidade de timoneiro principal proporciona oportunidade de ensaiar, com maior liberdade, novos métodos de trabalho, outras iniciativas e, até, desperta o desejo de realizar algo de diferente daquilo que se vinha anteriormente fazendo. O Chefe Armando, como todos o conhecemos na intimidade, é um jovem de 21 anos, cuja formação escoteira foi feita naquele mesmo grupo e que deu já provas de muita dedicação e de altos ideais escoteiros. É, portanto, um jovem vocacionado para a tarefa de encaminhar outros rapazes pelo caminho certo que ele próprio vem trilhando.

Achámos, por isso, de muito interesse ouvir para «Sempre Pronto» o novo Chefe. Ele, sempre pronto, colocou-se imediatamente à nossa disposição.

— *Chefe Armando* — interrogámos — *quando fizeste a tua promessa escoteira?*

— Foi no dia 21 de Julho de 1951.

— *Estás, portanto, prestes a ganhar, e merecidamente, a 10.ª estrela de serviço?*

— Exactamente e obrigado pelo «merecidamente»...

— *Qual é a tua mais remota recordação do Escotismo ou, por outras palavras, qual a primeira actividade de Escoteiros que mais te impressionou?*

— Uma festa que a minha antiga Patrulha, a Águia, promoveu. Eu era o último escoteiro e tomei parte activa no programa. Lembro-me que estava muito nervoso e no desempenho do papel, que me foi distribuído, atrapalhei-me bastante. Mas o público, atendendo à nossa pouca idade, foi indulgente e, afinal, apreciou bastante a festa. Os meus companheiros ficaram satisfeitos, mas eu fiquei radiante.

— *E, durante estes 10 anos de actividade, qual a melhor recordação?*

— Poderia citar muitas, mas referir-me-ei apenas a duas: A primeira foi quando fui nomeado Guia da Patrulha Águia, o que me proporcionou imensa satisfação. A segunda foi, sem dúvida, a ida ao Jamboree do Jubileu em 1957. Foi uma jornada inesquecível, que me deu uma visão extraordinàriamente ampla do ideal escoteiro.

O Chefe Armando, ao desfiar as suas recordações, mostrava-se satisfeito e alargava-se em considerandos, que gostaríamos de transcrever aqui se o espaço nos permitisse. Mas, este preâmbulo tinha servido apenas para abrir uma conversa, que desejávamos orientar noutra direcção. Lançámos, por isso, a pergunta que tínhamos já preparada:

— *Agora, que te encontras já no pleno desempenho da missão de Chefe de Grupo, quais são as principais dificuldades que encontras para o eficiente desempenho do teu cargo?*

— São, infelizmente, muitas, que temos de resolver com o sorriso escoteiro.

— *Mas cita lá a primeira?*

— Verifica-se no actual ambiente da cidade, que o rapaz encontra à sua volta inúmeras distracções, na maioria das vezes de pouca utilidade educativa, que o absorvem completamente. Os moldes em que o nosso Escotismo está a ser praticado não desperta no rapaz o entusiasmo que as outras distracções lhe incutem. A minha primeira dificuldade é imaginar iniciativas que o interessem e o cativem. Claro que vou tentar algumas actividades e tenho esperanças de alguma coisa conseguir.

— *E parece-te que os Chefes de Grupo poderiam ser auxiliados a solucionar essa dificuldade?*

— Acho que poderiam e deveriam ser auxiliados. Os rapazes apreciam muito não só a acção, movimento, mas a confraternização com grandes efectivos. Gostam de viver intensamente e de se sentirem apoiados por muitos companheiros. Se se realizassem actividades de conjunto com outros grupos, talvez na base regional, tais como visitas culturais, grandes jogos de inverno, exercícios, festas, sessões de cinema escotista, concursos inter-patrulhas, etc., despertariam o entusiasmo dos rapazes e fariam, até, propaganda do Movimento.

(Conclui na página 6)

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

ANIVERSÁRIO DE BADEN-POWELL

A última reunião mensal do 52, que se realizou no dia 22 de Fevereiro, foi dedicada ao nosso Fundador, tendo usado da palavra, além do chefe Moniz Silva, o caminheiro do 52, professor Leopoldino Tavares.

FESTA ANUAL DOS LOBITOS AMERICANOS

Realizou-se a 28 de Fevereiro, no Salão Lisboa do Clube de Oficiais do Destacamento Americano da B. A. 4 (Lajes), a reunião anual dos Lobitos Americanos que, como sempre, foi antecedida de jantar, em que tomaram parte todos os Lobitos e alguns Escoteiros americanos ligados à divisão, e suas famílias.

Na mesa de honra viam-se vários convidados do novo «Akela», sr. Capitão Jordan, que presidiu à reunião.

O dirigente americano deu a sua direita ao chefe J. R. Moniz Silva do Grupo 52 da A.E.P., seguindo-se a família deste e o caminheiro do 52 Ludgero Moreira. À esquerda do Capt. Jordan, encontravam-se o Rev. Capelão Major Mattheis, seguido da Senhora Helen Pfingsten, do Major Tyler e do AIC Blanton (estes últimos, respectivamente, presidente da organização escotista americana nas Lajes e chefe da sua Divisão Escoteira).

Findo o jantar, e após a apresentação das senhoras encarregadas dos diferentes Bandos de Lobitos, dos Escoteiros que as coadjuvam e da respectiva comissão patrocinadora, referiu-se o Chefe Jordan aos seus convidados de honra.

Em seguida, deu a palavra ao chefe Moniz Silva do 52, que historiou sucintamente a maneira como foi fundado o lobitismo americano nas Lajes, dez anos antes, prestou homenagem aos fundadores e lembrou com satisfação ter sido por seu intermédio que se efectuou o registo simbólico daquela Alcateia de Lobitos Americanos, na A.E.P., em 1951. Terminou felicitando os nossos irmãos americanos pelos muitos progressos feitos e referiu-se ao Escotismo como elemento preponderante e inigualável para se conseguir o verdadeiro espírito de boa vontade, cooperação entendimento entre as nações.

Falou depois o principal orador da noite, o Rev. Capelão Mattheis, que proferiu uma interessante palestra, focando especialmente algumas das suas experiências no Escotismo, dirigindo-se duma maneira particular aos seus pequenos ouvintes — os Lobitos — que seguiam atentamente a sua fala, que aliás prendeu a atenção de toda a numerosa assistência.

Terminou a reunião após terem sido distribuídas numerosas insígnias e recompensas aos Lobitos, demonstrativas do seu bom aproveitamento.

GRANDE CONCURSO «ESCALPE DE OURO»

Causou a maior satisfação entre a família escotista angrense, a notícia de ter ficado classificada em segundo lugar no concurso realizado em todo o país, — em oportuna e feliz organização do mensário escotista «Sempre Pronto» — a Patrulha «GALO» do Grupo n.º 52 da A. E. P., de Angra do Heroísmo.

O facto de se ter classificado em número 2, como Patrulha de Mérito, entre as cinco patrulhas que assim mereceram ser consideradas no final do Concurso, é deveras honroso para a «Galo» e para o «52»,

(Conclui na página 6)



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Aproxima-se o «23 de Abril». Dia de S. Jorge e Dia do Escoteiro, data que tem para nós, Escoteiros, significado especial e nos recorda os mais elevados ideais. Sobretudo, neste dia, lembramos a formosa história do Cavaleiro São Jorge, que a rasgos de audácia, dominou, venceu e destruiu o medonho Dragão, salvando heròicamente a linda Princesa Virtude, que não chegou a desposar porque partiu pelo Mundo a combater o Mal, que por toda a parte ainda reinava. Os Escoteiros propuseram-se para ajudar o Cavaleiro na sua ingente luta e estão de atalaia por toda a Terra, prontos ao combate. Hoje há também terríveis dragões a combater. A maldade campeia por toda a parte. O ódio vesgo espreita, arma mãos criminosas, assalta, fere e mata. Parece que no mundo não há lugar para o Amor. Mas os Escoteiros desfazem essa dúvida com a sua presença. Eles são os pioneiros da Amizade, os cavaleiros da Fraternidade Mundial.

Neste 23 de Abril, meu caro Escoteiro, faz qualquer coisa para reforçar ainda mais os laços fraternos do Escotismo Mundial. Saúda os teus companheiros, os de perto e os de longe. Os Portugueses e os de outras nações. Os brancos e os de cor. Os católicos e os evangélicos; os israelitas e os islamitas. Une todos no teu abraço fraterno, no teu amplo testemunho escoteiro.

O Dragão do Mal, espumante de ódio, ataca por todos os lados. Temos de seguir o exemplo de São Jorge: Aceitar o desafio, dar-lhe combate e dominá-lo. Esta é a nossa responsabilidade. A Fraternidade a nossa táctica.

Teu dedicado amigo
LOBO VELHO

COZINHA CAMPISTA

CULINÁRIA DE TOMATES

No campo, é sempre preferível utilizar na cozinha os víveres que se podem comprar no local. Estamos chegados à época em que os tomates começam a aparecer e estes constituem um bom alimento. Se os Escoteiros gostarem de os comer ao natural, com uma pitadinha de sal, têm um alimento riquíssimo.

SOPA DE TOMATES

Mas podemos também fazer uma excelente sopa com eles. Procede-se assim para uma Patrulha:

Descascam-se três a quatro batatas grandes e partem-se às rodelas. Do mesmo modo se descascam duas cebolas, que se partem às rodelas. Partem-se igualmente às rodelas três tomates grandes ou maior quantidade se forem pequenos.

Deita-se na marmita um decilitro de azeite e sal suficiente, deitam-se as rodelas de batatas, cebolas e tomates, cobrindo-se tudo com água. Vai ao lume a cozer.

Quando estiver cozido deita-se dentro pedaços de pão ou massas alimentícias (cotovelos, macarronete, etc.). Logo que a massa esteja cozida pode-se servir.

OVOS COM TOMATES

Depois de se ter tirado a pele e a grainha a meio quilo de tomates, deitam-se numa frigideira com azeite bem quente, mexendo-se para não se queimarem. À parte, batem-se dois ovos e juntam-se aos tomates a ferver, misturando tudo. Passados uns minutos estão prontos para ser servidos.

SALADA À ESCOCÊS

Cortam-se tomates às rodelas, depois de bem lavados. Junta-se um pimento assado e um ou dois ovos cozidos, às tiras; serve-se com azeitonas.

DOCE DE TOMATE

Descascam-se os tomates e tiram-se as grainhas. Depois pesa-se igual quantidade de tomate e de açúcar. Junta-se tudo numa marmita, deita-se-lhe um pouco de canela em pau e leva-se ao lume a ferver em lume brando até tomar consistência. Verifica-se se alcançou o «ponto» devido, fazendo um sulco com a colher de pau e este se mantiver.

Deixa-se arrefecer e serve-se.

* * *

Bem, meu caro cozinheiro, não vais fazer todas estas ementas de tomate no mesmo dia. Sujeitavas-te a que a tua Patrulha te arrancasse a insígnia de cozinheiro.

PÁGINA DE RECREIO

Por falta de espaço não publicamos esta página, do que esperamos os nossos leitores nos desculparão.

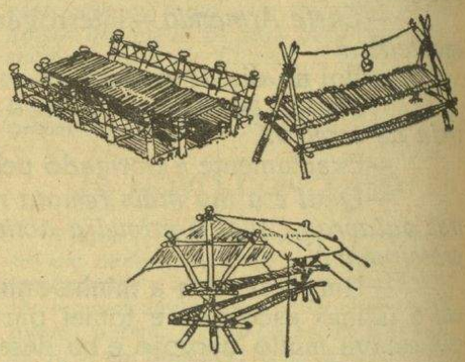
Vamos Construir

Mesas para Refeições

Se já tens lido, como suponho, o «Escotismo para Rapazes», com certeza notas que B.-P. ao falar dos grandes pioneiros, afirma que eles apesar de viverem em plena selva se rodeavam de constantes comodidades tornando a vida de campo deliciosamente agradável.

Todo o bom explorador sabe improvisar mil e uma coisas que fazem do seu acampamento um autêntico lar. É neste sentido que quero hoje indicar três construções, que são de grande utilidade. Como podem verificar na gravura, tratam-se de mesas de «casa de jantar».

Devem os construtores consultar no Manual de 1.ª Classe «Mais Além» o que diz respeito a «Nós e Ligações», pois existem indicações úteis para a confecção dos estrados que servirão para os tampos das mesas e também para as ligações das varas utilizadas.



I MESA

Se observarem os tipos de mesas que constam da gravura, verificarão que são todos diferentes. O primeiro, do canto superior direito, é executado com três varas cruzadas em tripé para cada topo e ligadas de forma que as extremidades fiquem em triângulo equilátero. Seguidamente, farão os assentos que constam de duas varas para cada lado da mesa, ligadas aos topos já citados, de maneira que apenas ocupem duas de cada topo, a fim de que a terceira vara do mesmo possa servir de ponto de equilíbrio.

Para que o conjunto fique bastante seguro, será colocada uma travessa em cada topo a unir a varas dos assentos. Feito isto, executarão o estrado para o tampo da mesa (ver manual «Mais Além»), que será colocado da mesma forma que os assentos.

Esta mesa é móvel, mas para maior segurança colocarás uma espia na parte superior do tripé, que será segura ao chão por meio de estacas.

II MESA

A mesa do canto superior esquerdo é talvez mais trabalhosa, mas é de maior comodidade, porque tem espaldar para encosto. Será feito primeiramente um buraco rectangular no chão com cerca de 30 cm. de fundo e o comprimento desejado (um pouco menos do que o comprimento do tampo da mesa). Depois executarás o estrado para o tampo que será fixado a quatro fortes troncos espetados no chão e que tenham a altura de 40 cm. Está feita a mesa, vamos agora aos assentos «de luxo». Como podem ver, espetar-se-á no chão uma série de troncos fortes, espaçados 30 cm. uns dos outros e distanciados cerca de 35 cm. do tampo da mesa. Os troncos são espetados ligeiramente oblíquos. Com espias será feito um entrançado para o espaldar. O assento pròpria-

(Conclui na página 6)

A propósito de...

O escoteiro e o calção

De novo se agita entre nós o «problema das calças compridas».

Ao contrário do que alguns querem fazer supor, tal problema não é recente. Já o conhecemos quando entrámos no Escotismo e cremos mesmo que ele já existe desde o início do próprio Movimento.

Parece-nos, portanto, questão demasiado velha para ser discutida, e admira-nos mesmo que, num momento em que tanto há para fazer, haja ainda alguém que se prenda a ela julgando estar aí uma solução para a crise que o Movimento da nossa Associação atravessa.

B.-P., genial fundador do Escotismo, previu com tal perfeição a organização do Movimento, estudou-o tão perfeitamente em todos os seus pormenores, dotou-o de métodos tão perfeitos que, passados mais de cinquenta anos, não houve ainda ninguém capaz de propôr qualquer método mais perfeito ou mais aconselhável, que o do Fundador.

Mesmo os mais dilectos discípulos de B.-P., as maiores figuras que a história do Escotismo nos apresenta não foram mais que excelentes continuadores do ideal do CHEFE, desenvolvendo-o e adaptando-o conforme as circunstâncias aconselhavam.

Todavia, adaptar jamais quis dizer desvirtuar.

B.-P. ao procurar o fardamento que melhor se adaptaria ao escoteiro, entendeu que este deveria envergar o calção. Tendo em vista o clima e ambiente social do país em que o Movimento teve o seu início, mais do que entre nós seria de admitir que se gerasse um movimento de repulsa ao uso do calção. Provou-se, porém, com o tempo, que nisso, como em tudo, o Fundador tinha razão. O próprio B.-P. se apresentou de calção perante o Rei. Hoje os ingleses usam-no com orgulho.

Que pensa o estimado leitor deste assunto?

Calção? Calça?

Nos diversos países onde o Escotismo atingiu maior desenvolvimento, gradas figuras se apresentam de calção, sentindo com isso verdadeira honra.

Também entre nós já constituiu verdadeiro orgulho aparecer em público envergando o calção escoteiro. Vestiram-no os maiores nomes do Escotismo Nacional, envergaram-no ainda os verdadeiros Escoteiros.

Envergonharmo-nos do uso do calção é envergonharmo-nos da farda escoteira. Servirá, porventura, ao Movimento o escoteiro que se envergonha da farda que veste?

Que noção de valia escotista e de veneração pelo Movimento dão aos seus escoteiros os Chefes que, a pretexto seja do que for, se coíbem de vestir o seu fardamento quando o devem fazer?

Porque uma meia dúzia de escoteiros de pernas tortas se envergonham de usar condignamente a sua farda, não podemos nem devemos consentir que o Escotismo perca uma das características mais fortes da sua personalidade — o uniforme.

Segundo as opiniões que tivemos ocasião de colher junto de numerosos escoteiros de Norte a Sul do País, sabemos ser ainda o uniforme um forte motivo de atracção para a juventude, além da sua já mais que provada utilidade.

Repudiamos o caso da calça comprida pelos escoteiros e cremos que connosco estão muitos antigos e actuais escoteiros, cujas opiniões gostaríamos de ver publicadas em «Sempre Pronto», jornal sempre atento ao estudo dos problemas que mais interessam ao Escotismo.

Importa defender da vontade de uns tantos, o prestígio do uniforme escoteiro tal como o CHEFE o concebeu, permitindo apenas a sua alteração em casos especiais, de justificação plausível.

Não é o uso do calção que caracteriza um rapaz ou um chefe, que se prezem de ser escoteiros. É sim, a forma como alguns se permitem envergar o uniforme, sem um mínimo de brio e, algumas vezes, bastante afastados dos mais elementares preceitos de higiene.

Desses é que importa defender o uniforme!

MARIANO GARCIA



Ciência e Paciência

PROBLEMA DIFÍCIL N.º 2/61

ESTADO DE CERCO

A cidade cercada tinha víveres para 8 meses e para 1500 homens. O chefe decide aumentar a guarnição com 300 homens e exclamou: — Apesar deste aumento do efectivo, é preciso que os nossos víveres nos permitam conservarmo-nos 10 meses. Reduziremos a ração de cada um.

Em que proporção é preciso reduzir a ração para alimentar todos durante este tempo?

Solução do Problema n.º 1

Um tiro do primeiro queima tanta pólvora como 3/4 do tiro do segundo. Dito doutra forma: Se o 1.º queima 3 kg. por tiro, o 2.º queima 4 kg. Pode supor-se o que se quiser desde que se respeite a proporção. No mesmo tempo, o 1.º dando 8 tiros queimará $8 \times 3 = 24$ kg. e o 2.º dando 7 tiros, $7 \times 4 = 28$ kg. A diferença será de $28 - 4 = 4$ kg. para 7 kg. do 2.º. Ora o primeiro deu 36 tiros, queimou $36 \times 3 = 108$ kg. O segundo deverá então dar $108 \times 7/4$ ou $27 \times 7 = 189$ tiros.

Respostas: O nosso dedicado leitor e amigo Sr. António Amêndoa continua a participar no Concurso com o interesse e saber de sempre. Desta vez, porém, embora raciocinando com acerto, cometeu um lapso e marcou apenas 1 ponto de presença.

★ ● ★

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

DE LUTO — Pelo falecimento de um irmão em 24 de Março findo, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, a quem endereçamos os nossos sentidos pêsames.

★ ● ★

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Um novo Chefe — Novas Perspectivas?

Ouvindo o Escoteiro-Chefe Armando Garcia Inácio, actual Dirigente do Grupo n.º 94

(Conclusão da página 3)

—Tenho ouvido falar em desporto para escoteiros. Qual é a tua opinião sobre o assunto?

—Acho que se deveriam realizar inúmeras actividades desportivas, especialmente durante a época de inverno. Os meus rapazes têm insistido muito para que se realizem jogos desportivos diversos. Querem mesmo que eu «invente» um parque de jogos, mas isso não está ao meu alcance. Permito-me citar como uma das principais dificuldades do Chefe Escoteiro a carência de meios de acção.

—Devemos, então, concluir que a inactividade de tantos grupos é devida a estas dificuldades?

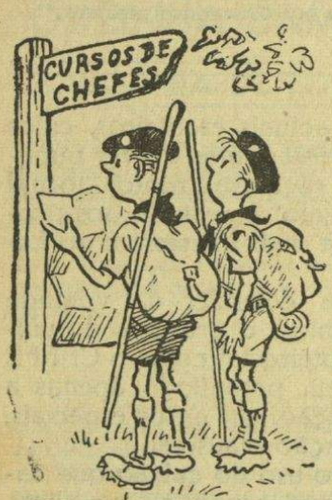
—Sim, mas só em parte. Em minha opinião acho que muitos grupos estão a falhar por dois motivos: Primeiro, porque o Chefe se interessa mais por actividades estranhas ao seu grupo, que lhe roubam o escasso tempo disponível das ocupações profissionais, do que pela acção junto dos seus rapazes. Segundo, porque alguns Chefes são demasiadamente idosos e, portanto, não são capazes de «saltar o eixo» com os seus rapazes...

—Obrigado, Chefe, por tão claros esclarecimentos. Os votos do «Sempre Pronto» é que tenhas êxito na missão que generosamente aceitaste e que as dificuldades possam ser vencidas. Na medida em que a nossa colaboração for útil, estamos sempre prontos.

* * *

Gostámos de ouvir as declarações do novo Chefe do Grupo 94. Embora só recentemente tenho assumido estas funções, Armando Inácio era já um activo colaborador do Escoteiro-Chefe Capitolino Macedo. Não admira, pois, que ele tenha uma noção clara dos problemas de um Grupo de Escoteiros. Ele focou duas dificuldades que nos parecem básicas: Carência de meios de acção e falta de actividades de conjunto. Dois problemas que os Chefes não podem resolver por si e que deviam ser solucionados. Aqui ficam à consideração de quem possa contribuir para a sua solução.

E. R.



O 1.º Curso Preliminar da I. M. promovido pela A. E. P.

VEM PRÓXIMO O 1.º CURSO PRELIMINAR DA I. M. DA A. E. P.

Quem se inscreve no 1.º Curso Preliminar da Insígnia de Madeira da A. E. P.

Já estão fixadas as datas da realização deste curso de formação e treino de Chefes de Tribo e de Grupo:

1.º —Sessões de estudo e execução prática nos dias 31 de Maio, 1, 7, 17 e 21 de Junho;

2.º —Acampamento de fim de semana nos dias 10/11 e 24/25 de Junho.

As sessões de estudo realizar-se-ão em Lisboa na Sede da Região Centro, Rua de S. Paulo, 254 - 1.º, e os acampamentos no Campo Permanente da A. E. P. na Costa da Caparica.

Pela orgânica e programação adoptada para este Curso, destina-se especialmente aos chefes ou candidatos a Chefes de Lisboa e arredores próximos, embora possam inscrever-se todos os que tenham possibilidade de assistir às actividades nos dias e horas atrás fixadas.

Pela melhoria da vida associativa que se pretende obter com a formação de novos e melhores chefes, tem-se esperança que todos farão o que estiver nas suas posses para que se inscrevam neste curso o maior número possível de jovens, preferivelmente com um bom nível de vida e com qualidades morais e intelectuais recomendáveis para esse fim, quer sejam ou não escoteiros actualmente.

Este curso é uma preparação valiosa para o Curso da Insígnia de Madeira que se está organizando para Setembro. Para este, também, se recebem desde já inscrições de actuais e novos chefes.

As condições de inscrição, assim como mais informes poderão ser solicitados ao Chefe de Formação e Treino, Eng.º J. Nobre Santos, para a R. de S. Paulo, 254 - 1.º, Lisboa.

Não esqueçais:

Deste esforço, muito dependerá, no futuro, a vida e o desenvolvimento do nosso Escotismo.

Trabalhemos, pois, com fé e perseverança!

Serviços Centrais

Comandante Joaquim David de Carvalho

Reassumiu as suas funções de Escoteiro-Chefe-Geral Ajunto o Sr. Cap. de mar e guerra Joaquim David de Carvalho, que esteve ausente do país e se encontra presentemente prestando serviço no E. M. da Armada.

Além dos seus deveres profissionais, o Sr. Com. David de Carvalho é presidente da Federação Portuguesa de Remo e membro do Comité Olímpico Português, tendo manifestado o maior interesse pela A. E. P. e deseja cooperar no seu desenvolvimento, estando pronto a ocupar-se activamente de tudo o que se relacione com o Campo Permanente da Mata da Caparica, que certamente já estaria a funcionar se não tivesse estado ausente do país em missão oficial.

O Sr. Com. Carvalho não foi escoteiro na sua mocidade, mas foi sempre um grande admirador do Escotismo desde o tempo em que foi aluno do Liceu Camões, onde esteve em contacto com o Grupo n.º 11 da A.E.P.

Estamos certos que a valiosa presença do nosso Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto vai ser muito útil, tanto mais que os Serviços Centrais e Regionais de Lisboa contam agora com tão bom número de colaboradores, que iremos assistir certamente a um período de intenso florescimento. Assim esperamos.

Vamos Construir

(Conclusão da página 4)

mente dito poderá ser no solo ou, então cobrir-se-á este com troncos finos e ervas secas. Será conveniente que os troncos dos espaldares sejam reforçados com suportes espetados no chão em sentido contrário e encostados neles.

III MESA

A gravura é bastante elucidativa. É quase igual à primeira com a diferença de que as três varas dos topos ficam no mesmo plano e são unidas um pouco abaixo do meio. Os assentos e o tampo são semelhantes aos da primeira mesa. O que esta tem a mais é um toldo de plástico ou pano para sol ou chuva. Fixa-se o toldo ligando em cada vara, na parte superior, uma ou outra vara no sentido longitudinal, como podem observar. Depois lançam o toldo por cima desta armação e fixam-no ao solo com uma espia a cada canto.

Com a ajuda das gravuras melhor se compreenderá a narrativa feita. Portanto, mãos à obra. Na próxima reportagem de «Sempre Pronto» esperamos ver as Patrulhas instaladas nas suas "mesas de jantar".

ARMANDO INÁCIO
Pata de Lobo

DOS AÇORES

(Conclusão da página 3)

especialmente atendendo à categoria e prestígio das patrulhas irmãs com quem teve de competir para a classificação final.

Logo que foi aqui conhecido o resultado do Concurso, a imprensa diária angrense referiu-se com simpatia e em termos elogiosos ao êxito dos rapazes da «Galo».

Estão, pois, de parabéns, a patrulha «Galo», o grupo de Escoteiros a que pertence, e, especialmente, o jornal «Sempre Pronto», pela sua magnífica iniciativa, que tão útil foi aos participantes no Concurso, e que se enquadra bem na orientação honesta e criteriosa que vem seguindo, a bem do Escotismo Nacional.

* * *

Agora, para rematar o triunfo da Patrulha «Galo», muito interessante e útil seria se o «52» conseguisse mandar uma representação ao próximo Acampamento Nacional da A. E. P., já que infelizmente se malogrou a sua ida ao Acampamento Regional da Caparica, no ano findo, por ter falhado, à última hora, o meio de transporte com que se contava. — *C.*

ASSIM FALAVA O DR. ALFREDO TOVAR DE LEMOS

Em 1923, o Dr. Tovar de Lemos era presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal e seu Escoteiro-Chefe-Geral. Publicava-se nessa altura o boletim «O Escoteiro», órgão oficial da associação, que regularmente inseria mensagens do Presidente, de orientação, de estímulo e de informação. Nesse tempo, tal como nos últimos anos voltou a acontecer, apareciam em público uns elementos nacionais e estrangeiros que se intitulavam escoteiros e efectuavam peditórios. O Dr. Tovar de Lemos escrevia então:

«Para esclarecimento do público, temos o dever de informar que os rapazes uniformizados de forma análoga aos Escoteiros de Portugal, que, «pastoriados» por dois indivíduos adultos, um do sexo feminino e outro do masculino, andam pelas ruas, carros e casas de espectáculos de Lisboa, pedindo dinheiro a troco dum bocadito de papel, aliás mal redigido, não pertencem a esta Associação.

«Os escoteiros não pedincham.

«A A. E. P. entende que sendo o movimento de carácter educativo, processos daquela natureza não podem ser empregados, porquanto, incutindo nas crianças hábitos de viver à custa do público, são a negação do trabalho como forma de obter dinheiro.»

Falava uma voz autorizada, que impunha uma directiva e se fazia respeitar, respeitando o Movimento.

Em Setembro desse mesmo ano, a propósito do Aniversário da A. E. P., escrevia:

«Em 1922, em Maio, quando a Associação dos Escoteiros de Portugal modificou os seus Estatutos, havia 120 rapazes apenas. Num ano conseguimos quase triplicar. Que os números apresentados sirvam de estímulo aos rapazes e dirigentes.

(...) «Que os dirigentes se compenetrem das suas responsabilidades e os nossos poderes públicos queiram compreender o valor do movimento, que em 15 anos se desenvolve no Mundo de tal modo, e o auxiliem, dando vantagens àqueles que o praticam, àqueles que ao ensino se dedicam, e facultando-lhes os meios necessários para a propaganda e publicação de livros.

(...) «Nesta data saúdo todos aqueles que ao Movimento têm dado o seu esforço. Saúdo todos aqueles que hoje comigo colaboram, os comissários, os chefes e todos os rapazes.

«No vosso concurso está o êxito da nossa obra e reparai que ela é bem notável, porque é desinteressada da nossa parte.

«Não temos outro objectivo senão o trabalho pelo bem da Pátria e da Humanidade.

«Ser escoteiro é ser patriota! Ser escoteiro é ser um amigo da Humanidade, é ser um cultor da Felicidade futura.

«Mostremos ao Mundo que sabemos compreender os grandes ideais. Trabalhemos pelo Escotismo.»

Muitas vezes havia necessidade de despertar energias ou lembrar o cumprimento dos deveres de cada cargo. O Escoteiro-Chefe-Geral sabia ter a palavra adequada. Em Maio de 1924, publicou em «O Escoteiro» um artigo sob o título «O que se quer é trabalhinho», no qual dizia em determinada altura:

(...) «Cada um vale pelo que produz. A época das palavras e dos ídolos já passou. Muito produzes, muito vales, nada consegues, nada vales. É claro e é simples.

«É a integração na vida real. Criticar é muito mais fácil que fazer qualquer coisa que possa ser criticada. Só dizer que está bem, ou está mal, faz-me lembrar estes bonecos de louça das Caldas, que mexem a cabeça e dizem que sim e que não, e, com esses dois movimentos, respondem a todas as perguntas que lhes façam.

(...) «Ora pois trabalhemos todos, cada um no seu papel, e não olhemos para os outros para não perdermos tempo.»

Em 1926, voltava a ser necessário apelar para o bom senso de todos. O Comissário Nacional Tovar de Lemos dirigiu uma mensagem sobre disciplina, na qual comparava os membros da associação às peças de um relógio e dizia:

(...) «Todos nós temos boas e más qualidades. Devemos cultivar as boas e perder as más. Devemos pôr as nossas qualidades, as nossas possibilidades, ao serviço quando sejam chamadas. E a forma de o fazer deve ser prontamente, com correcção, delicadeza e sem observações. Chama-se a isso ser disciplinado. Aquele que não souber ser disciplinado, nunca será disciplinador. Quem não souber cumprir nunca saberá mandar, nem compreenderá como se manda. Tem por isso que haver respeito mútuo, tem por isso que haver normas conhecidas que todos devem acatar e cumprir, são as leis e os costumes, e já que o caso vai de relojoaria, ainda quero dizer que pode o parafuso ser de melhor metal que a roda dentada, de aço mais rijo, do acabamento mais perfeito, mas nunca o parafuso poderá substituir a roda. Significa isto que pode haver indivíduos com mais inteligência e melhores qualidades, mas não são estes elementos factores bastantes para lhe dar o preparo para desempenho de funções para que não estão habilitados.

«Os homens são todos iguais, feitos da mesma massa, como os parafusos e rodas do relógio são todos feitos de latão, mas que voltas sofreu o latão para chegar a parafuso e que voltas sofreu o latão para chegar a roda dentada? São essas voltas que lhe deram forma e característica, que correspondem nos homens à educação e instrução.»

Em 1957, por ocasião do Centenário de B.-P., o «Diário de Lisboa» entrevistou o sr. Dr. Tovar de Lemos e perguntou-lhe quantos anos tinha sido dirigente escotista, a que ele respondeu:

— Um quarto de século. Fui primeiro escoteiro-chefe-geral e comissário nacional do Movimento.

— Durante esse período...

— Criaram-se escolas para chefes, com programas que foram muito apreciados, até pelo Movimento Internacional. Tomámos parte em vários Jamboris internacionais, como o de Copenhague, o de Londres e o de Birkenhead, perto de Liverpul... E vivemos dias gloriosos, como os da visita de Baden-Powel de Gilwell, fundador do Escotismo, em 1929, a Lisboa, onde se realizou um cortejo que afirmou à população a grandeza do movimento, bem como uma sessão na Sociedade de Geografia, presidida pelo Marechal Carmona, que o chefe escotista geral recordou muitas vezes, pela sua grandiosidade e pelo seu significado.

(Conclui na página 8)

UM POUCO DE HISTÓRIA

A nossa cidade é frequentemente visitada por Escoteiros estrangeiros e, este ano, teremos ainda um número mais elevado de visitantes em virtude da Conferência Internacional de Escotismo. Devemos, portanto, conhecer um pouco de história da nossa cidade para podermos falar dela aos Irmãos-Escoteiros que nos visitarem. No intuito de proporcionar esse conhecimento aos nossos Escoteiros, «Sempre Pronto» convidou o Antigo Escoteiro, Sr. Luís Simões Aurélio, a narrar aos nossos leitores um pouco de história de Lisboa. Com a sua habitual gentileza, este nosso dedicado amigo prontamente anuiu ao nosso pedido e inicia hoje essa colaboração com a competência que todos lhe reconhecemos, já que é um devotado Amigo de Lisboa e um esclarecido estudioso das coisas da cidade.

I

LISBOA

SUA FUNDAÇÃO E ORIGEM DO SEU NOME

Data de longínquas eras a fundação da cidade de Lisboa, cuja origem se esvai na bruma dos séculos, nada existindo, nem documentos nem monumentos, que permitam aos historiadores determinar a época da sua fundação. Cidade das mais antigas, dela escreveu o douto Damião de Góis, um dos mais brilhantes humanistas do século XVI, na sua obra «URBIS OLISIPONIS DESCRIPTIO»: *Os escritores antigos incluem-na entre as mais antigas cidades da Hispânia. Varrão chama-lhe OLISIPONEM; Ptolemeu OLIOSIPONEM e Estrabão dá-lhe o nome de ULISSEAM, e parece atestar, seguindo a informação de Asclepíades Mirliano, que foi fundada por Ulisses.*

Porém, atribui-se esta aos navegadores fenícios, que exercendo o comércio e a navegação ao longo da costa mediterrânica, atingiram a a foz do Tejo e aqui encontraram magnífico porto a que deram o nome de ALIS UBBO, que significa *Enseada Amena.*

Eruditos investigadores baseados em considerações filológicas atribuem aos gregos a fundação da cidade, que se teria chamado ELASIPPOS, nome grego que significa *que lança os cavalos nas corridas, ou condutor de cavalos* e que se atribui a uma tradicional lenda de que eram filhos do vento os velozes cavalos que se criavam nos campos vizinhos de Lisboa, lenda essa que chegou à Grécia e nos foi transmitida por Platão e a que também se referem os já citados por Damião de Góis, Plínio, historiador romano, e Varrão, eminente sábio latino.

Com a invasão da Península Ibérica, pelas hostes romanas, é Lisboa ocupada no ano 205 antes de Cristo e o nome da cidade foi então alterado pelos conquistadores, que passaram a designá-la por OLISIPO.

OLISIPO, cidade romana da grande província Lusitânia, foi a primeira desta província a obter o privilégio de município romano, o que permitia à cidade reger-se por leis próprias e conferia aos seus naturais o invejável e honroso título de cidadãos romanos.

Nos anos 101 a 44 antes de Cristo, sob o consulado do imperador Júlio César, é o nome da cidade alterado para FELICITAS JÚLIA. A invasão da Península pelos povos denominados Bárbaros do Norte, traz a Lisboa a dominação visigótica e o nome da cidade romana OLISIPO é pelos visigodos alterado para OLISIPONA.

No ano 714 depois de Cristo, sofre a Península nova invasão desta vez pelas hostes muçulmanas estabelecendo-se assim o domínio árabe na Península, passando Lisboa às mãos dos invasores, os quais, por falta de P na sua língua, alteram o nome OLISIPONA para OLISIBONA ou LISSIBONA, designação de que deriva o nome de Lisboa, segundo o erudito e insigne arqueólogo Eng.º Augusto Vieira da Silva, nos seus notabilíssimos trabalhos «O Castelo de S. Jorge» e «Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa».

Muitas outras conjecturas acerca da fundação e nome de Lisboa têm merecido aturados estudos, tanto de eminentes nomes das letras nacionais como estrangeiras. Notável contribuição porém é dada por Júlio de Castilho, o imortal autor da «Lisboa Antiga» e da «Ribeira de Lisboa», considerado o verdadeiro iniciador entre nós dos estudos olisiponenses, justamente chamado o Mestre, e pelo seu continuador o já referido arqueólogo Engenheiro Augusto Vieira da Silva. Mestres incontestados da história de Lisboa, é aos seus valiosos trabalhos, fonte perene de constantes ensinamentos, que vamos, modestos mas sinceros amantes da cidade que nos foi berço, beber o conhecimento que nos permite alicerçar estas linhas e as que se seguirão.

Luís Simões Aurélio

ASSIM FALAVA o Dr. Tovar de Lemos

(Conclusão da página 7)

E a terminar:

— O movimento escotista é de tal natureza, que tem servido de molde, em todo o Mundo, a todas as organizações juvenis!»

O Dr. Tovar de Lemos interessou-se pelo Escotismo até aos últimos dias da sua vida. Já bastante doente, ainda gostava de receber os dirigentes da Fraternal, que ali iam dar-lhe conta dos trabalhos realizados, visto ter sido o presidente da Direcção até à última gerência.

Em 1959, realizou-se em Sintra um almoço de confraternização dos Antigos Escoteiros. Em situação física angustiosa, amparado por amigos, tendo sido descido de casa em braços, mas compareceu. Não se limitou a estar presente. Ali mesmo delineou o esquema de um concurso de intercâmbio de correspondência com antigos escoteiros de todos os continentes, emocionando todos os companheiros pela sua manifestação de interesse e de carinho pelo Movimento.

Certamente, o antigo Presidente e Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal será sempre recordado com saudade pelos seus muitos amigos e companheiros.

* ● *

FILATELIA

UMA EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DE SELOS ESCOTEIROS?

A Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros e o *Sempre Pronto* estão estudando a possibilidade de promover em Lisboa uma Exposição Filatélica de Selos Escoteiros, a segunda que se realizaria no nosso país, visto que já foi efectuada uma em Vila Real de Santo António por iniciativa do Grupo n.º 60, chefiado pelo nosso dedicado amigo e colaborador Sr. José Manuel Pereira.

Para concretizar esta iniciativa, convidamos todos os nossos leitores filatelistas a colaborar no empreendimento, com as suas colecções e sugestões. Os organizadores solicitam adesões e agradecem pareceres que poderão ser dirigidos para a Sede da Fraternal, Rua de S. Paulo, 254, 1.º, Lisboa 2, ou para a redacção do nosso jornal.